

Sarney já admite a falência

EBN

14/6/88, TERÇA-FEIRA • 5

do Estado Brasileiro

Menos de duas semanas após a aprovação do mandato de cinco anos, quando disse, eufórico, que "agora governarei com maior confiança", o presidente José Sarney afirmou ontem, para os estagiários da Escola Superior de Guerra, no Palácio do Planalto, que o Estado brasileiro está em situação de falência.

Sarney, que desde a reestruturação da política industrial, vinha apresentando uma nova face, otimista e decidida, à nação — "estamos vencendo aquilo que os pessimistas chama de crise" — carregou nas cores escuras, ao pintar ontem, para os estagiários da ESG, o quadro da situação brasileira.

Exaustão

O menos que disse foi que "o Brasil é sempre maior do que todos os seus problemas". Isso, para compensar a afirmação de que "o Estado brasileiro chegou a um ponto de exaustão tal, que não tem recursos sequer para gerir e atender às necessidades mínimas que lhe competem, nas áreas de saúde, educação e dos demais serviços públicos".

O País, segundo o Presidente da República, encontra-se em uma situação de "penúria total de recursos". Para fundamentar sua

afirmativa, observou que o Brasil dispunha de uma massa bruta de investimentos da ordem de 24% do PIB, em 1974, hoje reduzida para 20% do Produto Interno Bruto.

Também que a carga fiscal líquida caiu de 17%, em 74, para 8,8%, este ano. Isso significa, ressaltou, "uma penúria total de recursos, que faz com que o Estado seja um tomador de empréstimo, lançando títulos no mercado".

Investimento nulo

As repercussões, continuou o presidente José Sarney no seu pronunciamento, "são o aumento da taxa de juros, o aumento do endividamento interno e, ao mesmo tempo, ausência de recursos para qualquer tipo de investimento".

Essa constatação entra em linha de choque com um parágrafo mais ameno — certamente menos realista — no início de seu pronunciamento, quando diz que a conjuntura nacional "apresenta sua face mais visível na reta final do caminho da transição, com a resposta a algumas perplexidades, como o final da Assembleia Nacional Constituinte, a fixação do mandato do Presidente da República e o ajuste de nossas contas externas e de nossas contas internas".

Coloca, em seguida, que "o país resolve os seus problemas de completar a institucionalização democrática", mas alerta que "permanecem e remanescem os problemas de natureza estrutural e dentre eles, sem dúvida, afloram o problema da economia e o problema do Estado brasileiro".

Há quem afirme que o presidente da República está preparando o caminho para reduzir fortemente a participação do Estado na economia, abrindo as comportas a uma onda privatista. É quando ele diz que "estamos vivendo uma crise do Estado brasileiro".

Otimismo

O presidente José Sarney argumenta que "aquele Estado que era o grande protetor, o Estado que resolvia tudo, o Estado que assegurava todas as soluções e que era um modelo de Estado salvador, este sem dúvida chegou também à sua exaustão".

O chefe do Governo brasileiro encerrou seu pronunciamento aos estagiários da ESG com "uma palavra de otimismo, repetindo aquilo, que já é um lugar-comum, que é de que o Brasil é sempre maior do que todos os seus problemas e encontrará solução para eles".

Josemar Gonçalves